



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ACESSIBILIDADE CURRICULAR PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL EM CLASSES DO ENSINO FUNDAMENTAL E MÉDIO**

Larissa GUADAGNINI<sup>1</sup>  
Márcia DUARTE<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos  
Agência Financiadora: CNPq

### **Introdução**

No final do século XX o Brasil tem vivenciado muitas mudanças, no que tange às propostas para educação. O marco foi a Constituição Federal de 1988, e a partir de então, muitas ações foram empreendidas para garantir a universalização do acesso e permanência de todos os alunos à uma escola de qualidade.

A inclusão escolar surge no cenário contemporâneo como uma nova opção de educação escolar para as pessoas com deficiência, questionando e organizando as antigas políticas públicas da Educação Especial, se sedimentando como um aspecto fundamental para a construção de um novo tipo de sociedade, esboçando transformações tanto ambientais quanto atitudinais de pessoas envolvidas de modo direto ou indireto com a educação.

A proposta de educação inclusiva enfatiza que os sistemas de ensino devem respeitar e atender as necessidades educacionais das pessoas com deficiência no ensino regular, o que segundo Lopes (2010), implica em uma nova postura da escola regular, uma vez que esta deve propor ações e práticas educativas que atendam a todos os alunos, visando a singularidade de estilos e ritmos de aprendizagem de cada educando.

Para tanto, o sistema de ensino dispõe de várias alternativas de serviços e estratégias como: salas de recursos multifuncionais, ensino itinerante e adaptação dos currículos escolares. Dentre essas importantes alternativas a adaptação curricular torna-se um instrumento de grande relevância por possibilitar o atendimento das diversidades, uma vez que propõe flexibilidade, organização, ordenação e acomodação curricular, que se apresenta como uma referência para o sistema de ensino integrado, com vistas a que todos se apropriem do saber, respeitadas as suas características de aprendizagem.

O currículo formal é o conteúdo oficial programado para todos os alunos de uma classe, independentemente de sua limitação ou especificidade (MOREIRA; BAUMEL, 2001). Stainback e Stainback (2006) colocam que, pelo fato de não encontrar mais homogeneidade na sala de aula, a existência somente de o currículo formal, sem adaptações personalizadas, pode ser contestada desde o princípio.

Assim, a adaptação curricular quebra a barreira do padrão, auxiliando o currículo oficial, especificando e estruturando um caminho para nortear a prática pedagógica a partir de um planejamento desenvolvido pelos professores da educação especial e do

---

<sup>1</sup> Graduanda em Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos, Rodovia Washington Luiz, Km 235, Monjolinho – São Carlos, Endereço eletrônico: larissaguadagnini@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos. Rodovia Washington Luiz, Km 235, Monjolinho – São Carlos. Endereço eletrônico: marciaduar@yahoo.com.br



ensino regular no intuito de apoiar os alunos com deficiência no seu processo de escolarização.

As adaptações curriculares de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Especial (BRASIL, 1998) consistem prioritariamente como:

[...] estratégias e critérios de atuação docente, admitindo decisões que oportunizam adequar a ação educativa escolar às maneiras peculiares de aprendizagem dos alunos, considerando que o processo de ensino-aprendizagem pressupõe atender á diversificação de necessidades dos alunos na escola (BRASIL, 1998, p.15).

Desta forma, pressupõe que se realizem adaptações curriculares, quando necessário a fim de proporcionar estratégias de acessibilidade para os alunos público alvo da educação especial terem condições de aprendizagem no contexto escolar.

Segundo Oliveira (2008, p. 140) “as adaptações curriculares podem ser qualificadas como Adaptações Curriculares de Grande Porte, cujas ações dependem do sistema político - administrativo e educacional de todos os âmbitos: municipal, estadual e federal e/ou Adaptações Curriculares de Pequeno Porte”, que consistem em adaptações menos significativas, uma vez tratam-se de ajustes no contexto da sala de aula, sendo de alçada exclusiva do educador.

De acordo com a pesquisa de Duarte (2008) os professores das escolas do ensino comum devem articular-se com os professores de educação especial, no sentido de obter o suporte necessário para garantir que os alunos com deficiência consigam aprender os conteúdos que o currículo formal do ensino regular exige. Nesse contexto, o trabalho colaborativo entre o professor da rede regular de ensino e o educador especial, é uma estratégia didática inclusiva importante para planejar, avaliar, organizar recursos e procedimentos de ensino para os alunos com deficiência, visto que o professor do ensino regular tem conhecimento de conteúdo e currículo, enquanto o educador especial é especialista em avaliação, instruções e estratégias de ensino (SILVA, 2007).

Neste sentido o professor deve estar continuamente repensando em sua prática pedagógica, a fim de analisar e proporcionar estratégias que oportunizem o aprendizado de todos os alunos, respeitando deste modo a singularidade de cada educando, uma vez que de acordo com Stainback et al (1999) um único conjunto de objetivos e atividades não satisfaz a capacidade individual de aprendizagem de cada aluno.

No processo de inclusão escolar subentende que o currículo é ajustado progressivamente para dar uma resposta adequada às necessidades educacionais especiais de todos os alunos, inclusive para os alunos com deficiência (POKER, 2008).

Para Duarte (2012), o currículo de uma escola inclusiva não se refere apenas às adaptações feitas para acomodar os alunos público alvo da educação especial ou demais necessidades, implica em uma nova forma de conceber a questão curricular para dar conta da diversidade de estudantes e suas variadas demandas de aprendizagem.

Diante dessa realidade, é imprescindível discutir sobre as práticas pedagógicas, pois estas são influenciadas pelas dimensões individuais do docente e pelas influências que recebem do contexto sociopolítico e cultural em que a escola está inserida.



Investigar o cenário do ensino fundamental e médio faz-se necessário por serem essas de extrema importância na formação dos alunos, tendo por objetivo formar alunos capazes de lidar com situações novas, resolver problemas e dominar a leitura e a escrita. Dentre os muitos desafios que se coloca a educação inclusiva, está a escolarização dos alunos com deficiência intelectual. Segundo Brasil (2005), a pessoa com essa deficiência tem uma maneira própria de lidar com o saber que, invariavelmente, não corresponde ao ideal de aluno esperado pela escola. Sabe-se que, não corresponder ao esperado, pode acontecer com qualquer aluno, mas as pessoas com deficiência intelectual apresentam características biológicas e cognitivas que, muitas vezes, tendem a comprometer esse ideal padronizado.

Segundo a Associação Americana de Deficiência Intelectual e Desenvolvimento (AAIDD, 2010) a deficiência intelectual é caracterizada por limitações significativas no desenvolvimento intelectual (absorção de conteúdo, raciocínio e resolução de problemas) e no comportamento adaptativo (situações sociais e práticas cotidianas). O que vai de encontro com a pesquisa de Duarte (2008) que mostrou que os alunos com deficiência intelectual necessitam de um maior tempo para a realização das tarefas, ensino individualizado, adaptação curricular, bem como mudança na forma de transmitir os conteúdos e de dosar mais a quantidade das atividades para evitar o cansaço.

Em meio às discussões apresentadas sobre a inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual no ensino fundamental e Ensino Médio pode-se levantar algumas questões: Na Como estão sendo realizadas as práticas curriculares na sala de aula frente à inclusão escolar de alunos com deficiência intelectual? Os professores vem adaptando os conteúdos curriculares para atender o público alvo da inclusão escolar?

Dessa forma, o objetivo geral dessa pesquisa foi investigar junto ao professor do ensino regular como ocorre a prática pedagógica com os alunos com deficiência intelectual em contexto de sala de aula.

## **Método**

O método empregado nessa pesquisa foi de cunho qualitativo, pois esta preocupa-se em analisar e interpretar os aspectos em profundidade, descrevendo a complexidade do comportamento humano, por meio da análise detalhada de suas atitudes, hábitos, tendências de comportamento (MARCONI; LAKATOS, 2006).

### **Participantes**

Foram participantes da pesquisa 16 professores que ministravam aulas em escolas do ensino regular para alunos com deficiência intelectual, sendo oito (08) do Ensino Fundamental e oito (08) do Ensino Médio.

Os critérios de escolha para participação neste estudo foram: ser professor, lecionar aula no Ensino Fundamental ou Médio, ter alunos com deficiência intelectual incluídos em suas classes e que desejam participar da pesquisa.

Os participantes foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo foi composto por professores que ministravam aulas no ensino fundamental e o segundo grupo foi composto por professores que ministravam aulas no ensino médio.



Os quadros 1 e 2 apresentam a caracterização dos participantes e suas respectivas designações.

Quadro 1 – Participantes do grupo 1

Professores	Gênero respondente	Formação Inicial	Nível de Ensino de atuação/ ano
P1	Feminino	Pedagogia	Ensino Fundamental/4º ano
P2	Feminino	Letras	Ensino Fundamental/5º ano
P3	Feminino	Letras	Ensino Fundamental/1º ano
P4	Feminino	Letras	Ensino Fundamental/6º ano
P8	Feminino	Pedagogia	Ensino Fundamental/3º ano
P9	Feminino	Magistério	Ensino Fundamental/3º ano
P10	Feminino	Pedagogia	Ensino Fundamental/3º ano
P15	Feminino	Letras e Pedagogia	Ensino Fundamental/6º ano

Fonte: Relato dos questionários.

Quadro 2 – Participantes do grupo 2

Professores	Gênero respondente	Formação Inicial	Nível de Ensino de atuação/ ano
P5	Feminino	Física	Ensino Médio/1º ano
P6	Masculino	Pedagogia e Química	Ensino Médio/1º ano
P7	Masculino	Filosofia	Ensino Médio/2º ano
P11	Feminino	Matemática e Pedagogia	Ensino Médio/2º ano
P12	Feminino	Geografia e História	Ensino Médio/1º ano
P13	Feminino	Educação Física e Pedagogia	Ensino Médio/1º ano
P14	Feminino	Letras	Ensino Médio/3º ano
P16	Feminino	Ciências Sociais	Ensino Médio/2º ano

Fonte: Relato dos questionários.

Os quadros 1 e 2 mostram que dos dezesseis (16) professores participantes quatorze (14) são do gênero feminino e dois (02) do gênero masculino. Dentre estes, um não possuía formação em nível superior, tendo como formação o magistério, dez possuíam apenas uma área de formação, sendo quatro em Letras, três em Pedagogia, um em Física, um em Filosofia e um em Ciências Sociais. Os demais participantes possuíam formação em duas áreas acadêmicas, sendo um em Pedagogia e Química, um em Matemática e Pedagogia, um em Geografia e História, um em Letras e Pedagogia e um em Educação Física e Pedagogia. Destes professores, onze tinham especialização, dois na área de Educação Especial (Educação Inclusiva), dois em Psicopedagogia, um em Física, um em Linguagem, Texto e Ensino/ Especialização em Língua Portuguesa/ Supervisão, Orientação e Inspeção Escolar, um em Gestão Escolar, um em Ciências Humanas e suas tecnologias: Cidadania e Cultura, um em Educação, um em Ensino de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental e Médio e um em Docência para o Ensino Superior. Todas concluídas recentemente (no período de 2000 a 2013). Além destes cursos dois professores relataram terem feito outros cursos de pequena duração oferecidos pela Secretaria de Educação Estadual (SEE).



### Local da Pesquisa

A coleta de dados com os professores ocorreu nas dependências das escolas na qual os mesmos lecionavam, localizadas em um município de médio porte do interior do estado de São Paulo. A gestão das escolas disponibilizou salas para que os participantes pudessem responder aos instrumentos, livre de barulhos.

### Instrumento de coleta dos dados

O instrumento escolhido para obter as respostas dos professores foi o questionário, com um roteiro de questões semiestruturadas.

### Procedimento de coleta de dados

Primeiramente foi realizado um levantamento das escolas da rede estadual na modalidade regular do Ensino Fundamental e do Ensino Médio pelo site Data Escola Brasil (INEP, 2011). Em seguida, foi feito contato com a Diretoria de Ensino do Estado (região da cidade selecionada). Após esta etapa, foi realizada pela pesquisadora uma visita às escolas indicadas, a fim de explicar os objetivos da pesquisa e entregar o Termo de Consentimento Livre e esclarecido. Das seis (06) escolas indicadas apenas três (03) aceitaram participar deste estudo, para as quais foi entregue aos coordenadores das instituições uma média de dez questionários, que após serem respondidos pelos professores eram buscados pela pesquisadora.

### Resultados e Discussões dos Dados

Os resultados da pesquisa trouxeram dados e confirmações relevantes sobre as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da rede regular de ensino diante do processo de inclusão escolar dos alunos com deficiência intelectual, bem como dificuldades encontradas no processo de escolarização destes alunos e o apoio da Educação Especial. Quando perguntado aos participantes, sobre sua prática pedagógica frente à inclusão escolar, P4 e P7 ressaltaram a dificuldade em lidar com os alunos com deficiência uma vez que, segundo os participantes, estes alunos necessitam de maior atenção tanto por parte da família quanto da sociedade. P5, P14 e P16 apontaram não terem preparo para a prática pedagógica nesses casos. P1 afirmou que sua intervenção depende da dificuldade apresentada pelo aluno, P2 e P3 acreditavam que suas práticas pedagógicas precisavam ser sempre repensadas e respaldadas em conselhos, P6 relatou que mesmo havendo falta de recursos que visassem a inclusão escolar fazia o possível para ensinar todos os alunos de uma mesma maneira, P9 buscava atender a todos os alunos de modo diversificado, assim trabalhava com materiais e práticas pedagógicas diferenciadas. Já P10 acreditava estar caminhando rumo a inclusão escolar, uma vez que afirmou comprometer-se com seus alunos, P11 relatou se preparar pouco para o trabalho com os alunos que fazem parte da inclusão escolar, P12 via sua prática educacional frente a inclusão escolar como algo frustrante, P15 afirmou desenvolver práticas pedagógicas condizentes com os princípios inclusivos, fazendo da escola um espaço democrático, onde todos possuem o mesmo direito: Aprender e P8 e P13 não responderam a questão. Para Briante e Oliver (2012) a educação inclusiva ainda faz parte de uma nova modalidade de ensino, perante a qual, os professores trazem uma série de angústias e muitas vezes, sentem-se impotentes e incapazes em lidar com essa nova realidade, o que

é ocasionado devido a falta de formação e informação do professor para lidar com a diversidade escolar. Percebe-se que a formação continuada é uma realidade para todos os professores, não somente para aqueles que lidam com alunos público alvo da educação especial.

Os dados revelam que é necessário repensar constantemente as práticas pedagógicas, a fim de proporcionar estratégias de acessibilidades para favorecer o processo de ensino e aprendizagem. Para Stainback e Stainback (1999), é necessário organizar o currículo da educação comum, de modo que este abranja toda a diversidade existente dentro de uma sala de aula.

Sendo assim, a utilização de estratégias de acessibilidade e práticas pedagógicas diferenciadas, é sem dúvida uma forma de das condições de aprendizagem para as pessoas com deficiência intelectual. Pois segundo estudo de Duarte (2008) aos alunos com deficiência intelectual necessitam de maior tempo para a realização de tarefas e adaptação na forma de transmitir os conteúdos.

O quadro 3 mostra os relatos dos professores sobre suas práticas pedagógicas e organização do trabalho frente aos alunos com deficiência intelectual.

### Quadro 3 – Prática pedagógica dos professores

Relatos Ilustrativos
<i>“Tenho muito à aprender pois a minha intervenção deverá ser de acordo com a dificuldade apresentada, criando uma função positiva para a aprendizagem”. (P1)</i>
<i>“Minha prática pedagógica precisa ser sempre repensada frente às novas demandas da educação inclusiva. Todos os alunos precisam ter acesso ao desenvolvimento das competências e habilidades, permitindo avanços e retrocessos durante o processo de aprendizagem”. (P2)</i>
<i>“Estou sempre à procura de conselhos e respaldos para melhor desempenho”. (P3)</i>
<i>“Não é fácil porque todos sabem que os alunos especiais necessitam de atenção dobrada, da família, da escola e da sociedade em geral”. (P4)</i>
<i>“Nós não temos preparo para a prática pedagógica nesses casos.” (P5)</i>
<i>“Faltam recursos que amparem melhor o educador e o educando. Mas faço o possível para ensinar a todos os alunos da mesma maneira, aqueles com necessidades especiais e os que não tem necessidade nenhuma.” (P6)</i>
<i>“Dá mais trabalho, pois é preciso dar um tratamento diferenciado ao aluno incluso. Exemplo: é preciso dar mais atenção”. (P7)</i>
<i>Não respondeu a questão. (P8)</i>
<i>“Busco atender a todos os alunos igualmente, usando práticas e materiais diferenciados.” (P9)</i>
<i>“Penso que estou caminhando rumo a inclusão, busco o comprometimento com meus alunos.” (P10)</i>
<i>“Acredito que deixo a desejar também, pois por vários motivos acabo me preparando pouco para que de fato trabalhe a inclusão com os alunos.” (P11)</i>
<i>“Frustrante.” (P12)</i>
<i>Não respondeu a questão (P13)</i>
<i>“Por mais que eu tente dar atenção, não tenho formação específica para isso”. (P14)</i>
<i>“Procuo desenvolver minha prática a partir dos princípios inclusivos. Fazendo da escola um espaço democrático onde todos os alunos possuem os mesmos direitos: aprender.” (P15)</i>
<i>“Difícil, não fui preparada para tal situação e não temos nenhum tipo de treinamento”. (P16)</i>

**Fonte:** Relatos dos questionários.



Quando perguntado sobre quais práticas e/ou estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores para ensinar os conteúdos curriculares aos alunos com deficiência intelectual, P3 e P5 relataram que não faziam uso de nenhuma prática e/ou estratégia, P1 visava incluir aos alunos com D.I atividades desafiadoras adequadas as necessidades educacionais apresentadas, P2 focalizava sua pratica pedagógica no atendimento individualizado, materiais e atividades diversificadas, P4 explorava a participação dentro da sala de aula, a partir de trabalhos em duplas ou grupos, propondo assim atividades que utilizam a linguagem oral, o raciocínio e a produção de escritas, P6 afirmou fazer uso de uma linguagem simplificada, P7, P9 e P14 relataram que na medida do possível dão mais atenção ao aluno com deficiência intelectual matriculado em sua sala de aula, P8 e P10 mencionaram utilizar para o ensino de alunos com deficiência intelectual uma série de materiais concretos, tais como quebra-cabeça, jogos, guache, material dourado, letras móveis, fantoches e prancha de comunicação e quando disponível na escola computadores. P11 afirmou utilizar atividades com conteúdos mais fáceis, geralmente de séries anteriores, P12 relatou necessitar de treinamento e leituras para desenvolver um trabalho mais adequado frente a inclusão, sobretudo de alunos com deficiência intelectual, P13 apontou fazer uso de demonstrações individuais e particularidades do conteúdo com o auxílio do próprio aluno com deficiência intelectual. Já P15 revelou fazer uso de adaptações curriculares quando necessário e P16 utilizou como pratica pedagógica o uso de materiais diversificados e a monitoria entre alunos, onde um ajuda o outro na realização de tarefas curriculares.

A partir da análise desses dados, percebeu-se que os professores utilizam diferentes metodologias de ensino com alunos com deficiência intelectual, deixando evidenciar que mesmo de forma inexperiente a maioria dos professores participantes dessa pesquisa tem buscado formas alternativas de ensino, de modo a privilegiar a diversidade existente dentro da sala de aula, deixando claro que o princípio da inclusão educacional vem proporcionando o redirecionamento dos espaços educativos tanto em seus aspectos físicos quanto pedagógicos.

Para Zabala (1998) a interação estabelecida ente os professores, os alunos e os conteúdos de aprendizagem se constituem na chave de todo o processo educacional.

O quadro 4 mostra os relatos dos participantes referente as estratégias utilizadas pelos professores para ensinar os conteúdos curriculares aos alunos com deficiência intelectual.

#### **Quadro 4 – Estratégias utilizadas pelos professores**

<b>Relatos Ilustrativos</b>
<i>“Incluir a esses, atividades difíceis, mas possíveis de realizar (que haja desafio) adequando as suas necessidades”. (P1)</i>
<i>“Atendimento individualizado, materiais e atividades diversificadas que contemplem o conteúdo curricular e as habilidades mínimas para que de fato ocorra a aprendizagem”. (P2)</i>
<i>“Nenhuma”. (P3)</i>
<i>“Chamando-o à participação, envolvendo-o em trabalhos em duplas ou grupos, exploro a oralidade, o raciocínio, além de produções escritas de acordo com seu nível”. (P4)</i>
<i>“Nenhuma, apenas falo o que ele deve escrever, assim como os outros professores.” (P5)</i>
<i>“Procuro trabalhar com uma linguagem mais simples e portanto mais fácil de ser entendida.” (P6)</i>
<i>“Na medida do possível dar mais atenção”. (P7)</i>
<i>“Tudo o que ele puder e conseguir manusear, tipo: quebra cabeça, guache e jogos de montar.” (P8)</i>



<i>“Na sala de aula dou mais atenção e verifico se o aluno está acompanhando o ritmo da sala.” (P9)</i>
<i>“Utilizo muito materiais concretos como material dourado, jogos, letras móveis, fantoches e a prancha de comunicação. Quando disponível na escola uso o computador para melhor explicar determinados conteúdos.” (P10)</i>
<i>“Levo atividades com conteúdos mais fáceis, normalmente de séries anteriores”. (P11)</i>
<i>“Ainda necessito de treinamento e mais leituras para desenvolver um trabalho mais adequado.” (P12)</i>
<i>“Utilizando demonstrações e particularidades do conteúdo com o auxílio do próprio aluno deficiente.” (P13)</i>
<i>“Sempre que possível dou mais atenção a ele, vou a sua carteira e dou explicação individual”. (P14)</i>
<i>“Adaptações curriculares quando necessário.” (P15)</i>
<i>“Procurou levar material diversificado e colocá-lo com outro aluno na realização das tarefas.” (P16)</i>

**Fonte:** Relatos dos questionários.

Em relação à questão que foca os desafios e/ou dificuldades do trabalho com alunos com deficiência intelectual, P6 e P 13 responderam que não tiveram dificuldades em lidar com este público.

Os demais tiveram dificuldades em lidar com este alunado dentro da sala de aula. P1 acreditava que suas dificuldades eram ocasionadas, sobretudo devido ao recente início das aulas. Para P2 e P4 a maior dificuldade era a falta de tempo disponível para o preparo de atividades que favoreçam o avanço deste aluno. Para P5, P8 e P12 as dificuldades eram geradas devido à falta de preparo para lidar com os alunos público alvo da educação especial.

P7 e P11 mencionaram uma série de dificuldades encontradas, das quais se destacavam falta de tempo para o preparo de atividades adaptadas, salas de aula lotadas, falta de didática, indisciplina e necessidade de um acompanhamento mais minucioso para os alunos com deficiência intelectual.

P9 apontou como principais dificuldades: o atendimento individualizado e a confecção de atividades adaptadas. Para P10 sua dificuldade era oriunda da inserção de novos conteúdos ao currículo escolar.

P14 e P16 mencionaram a dificuldade de se fazerem entender pelo aluno com deficiência intelectual, diante das atividades propostas e por fim, P15 que ressaltou sentir prazer e desafio ao ensinar os conteúdos curriculares aos alunos com deficiência intelectual e P3 não justificou sua resposta.

Esses dados vão de encontro aos estudos de Pereira (2006), cujos resultados apontaram que os professores participantes de sua pesquisa necessitavam de maior tempo para preparo das aulas, apoios didáticos e pedagógicos e capacitação continuada para lidar melhor com a diversidade de seus alunos, bem como uma participação mais efetiva dos pais, gestores e toda comunidade, pois a inclusão escolar não se faz somente de corpo presente, mas sim de mudanças.

O quadro 5, mostra os relatos dos professores em relação ao trabalho junto aos alunos com deficiência intelectual.

### Quadro 5 – Dificuldades encontradas pelos professores no trabalho com alunos com deficiência intelectual.

Relatos Ilustrativos
<i>“Sim, por ser início das aulas não observei nenhum resultado positivo”. (P1)</i>
<i>“Sim, às vezes. A maior dificuldade é em relação ao tempo disponível para preparar atividades que permitam com que avance e queira continuar aprendendo”. (P2)</i>
<i>“Sim”. (P3)</i>
<i>“A dificuldade é realmente o tempo para oferecer a atenção que ele necessita. Com o projeto do governo “Professor Auxiliar”, facilita e muito este trabalho.” (P4)</i>
<i>“Sim, justamente por não ter preparo.” (P5)</i>
<i>“Não.” (P6)</i>
<i>“Tempo, didática, modo de avaliar, um acompanhamento mais minucioso para este aluno. Essas são as dificuldades.” (P7)</i>
<i>“Sim, falta de preparo”. (P8)</i>
<i>“Sim, atendimento individualizado e confecção de atividades adaptadas”. (P9)</i>
<i>“(…)sempre aparecem dificuldades diferentes devido aos novos conteúdos curriculares, como por exemplo o trabalho com valores e cidadania, e as operações matemáticas.” (P10)</i>
<i>“Primeiro: a quantidade de alunos em sala não me deixa dar atenção especial para os alunos com DI. Segunda: a indisciplina das salas em geral requer que eu fique o tempo todo chamando a atenção e fique em cima dos alunos para que façam as atividades propostas e não se matem.” (P11)</i>
<i>“Sim. Formação adequada para lidar com alunos com deficiência”. (P12)</i>
<i>“Não tenho estas dificuldades.” (P13)</i>
<i>“Sim, pois dificilmente consegue compreender as atividades propostas e realiza-las de acordo com seu objetivo.” (P14)</i>
<i>“Sim, é sempre um desafio, prazeroso.” (P15)</i>
<i>“Sim. Muitas vezes não consigo me fazer entender.” (P16)</i>

**Fonte:** Relatos dos questionários

A maioria dos participantes, revelaram que a escola não oferecia apoio didático e pedagógico da área de Educação Especial necessário para a inclusão escolar do aluno com deficiência intelectual, sendo que P7 afirmou nunca ter pedido nenhuma ajuda deste tipo, P11 mencionou receber apoio do professor da sala de recursos da instituição de ensino que lecionava, o qual avaliava os alunos que não tinham diagnóstico fechado e sugeria atividades e estratégias de ensino voltadas aos alunos com deficiência inseridos na rede regular de ensino e P12 relatou receber como apoio apenas uma oficina sobre deficiência visual.

O que demonstra certo despreparo da rede estadual para lidar com os alunos com deficiência intelectual na rede regular de ensino, o que segundo Aranha (2004) pode estar relacionado ao desconhecimento da legislação e do trabalho exercido pela área da Educação Especial, ou ainda pela falta de monitoramento das redes regulares de ensino.

### Conclusão

O presente estudo trouxe informações pertinentes para reflexão sobre o processo de inclusão dos alunos com deficiência intelectual, matriculados em classes de escolas regulares.

A matrícula dos alunos com deficiência intelectual vem sendo garantida como previsto em várias legislações brasileiras. Os resultados obtidos neste estudo permitem afirmar que a escolarização desses alunos, ainda não acontece com qualidade, pois faltam



estratégias de acessibilidade curricular para proporcionar de fato condições de aprendizagem dos conteúdos escolares para todos os alunos.

O estudo demonstrou que é necessário maior apoio de profissionais da educação especial, a fim de auxiliar os professores da sala regular na elaboração de estratégias de acessibilidade e práticas pedagógicas que favoreçam o processo de ensino e aprendizagem de todos os alunos no contexto de sala de aula.

## Referências

ARANHA, M. S. F. **Educação Inclusiva: Transformação social ou retórica?** In: OMOTE, S. *Inclusão: intenção e realidade*. Marília: Fundepe, 2004

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Adaptações Curriculares. Estratégias para educação de alunos com necessidades educacionais especiais. Brasília: MEC/SEESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei n. ° 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, 23 de dezembro de 1996. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 01 de out. 2009.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. **Plano Nacional de Educação. Brasília** - Lei n. 10.172, de 09 de janeiro de 2001. Diário Oficial da União. 2001. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 01 de out. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

\_\_\_\_\_. **Decreto 6.949**, de 25 de agosto de 2009. Disponível em [www.planalto.gov.br](http://www.planalto.gov.br). Acesso em 01 de out. 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Plano Nacional de Extensão Universitária**. Secretaria de Educação Superior. Brasília: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras e MEC/SESu, 2001

BRIANTE, M. E.; OLIVER, F. C. **A Inclusão de crianças com deficiência na escola regular numa região do município de São Paulo**: Conhecendo estratégias e ações. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Vol. 18, n °1, 2012.

DUARTE M. **Síndrome de Down: Situação Escolar no Ensino Fundamental e Médio da cidade de Araraquara-SP**. 2008. 181f. Tese (Tese de Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008.

DUARTE M. Adaptação curricular: análise de dissertações e teses produzidas nos programas de pós-graduação (200-2009). In MENDES, E.G.; ALMEIDA, M. A. (org).



VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL  
Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

**Dimensões Pedagógicas nas Práticas de Inclusão Escolar.** Marília: ABPEE, 2012.  
V.2, p. 481-490.

LOPES, E. **Adequação Curricular: um caminho para a inclusão do aluno com deficiência intelectual.** 2010. 166 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica.** São Paulo, Atlas, 2006.

MOREIRA, L. C., e BAUMEL R. C. R. de C. **Currículo em Educação Especial: tendências e debates.** Educar, Curitiba, n. 17, p. 125-137. 2001. Editora da UFPR.

NOGUEIRA, D. **Pesquisa Social: introdução as suas técnicas.** São Paulo: Ed: Nacional, 1975.

PEREIRA, S.M. **As concepções das professoras de ensino regular frente ao processo de inclusão escolar de alunos com necessidades educacionais especiais.** 2006. Dissertação (Mestrado em Educação)- Centro de Ciências da Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2006.

POKER, R. S. Adequações Curriculares na área da Surdez. In: OLIVEIRA, A.A.S.; OMOTE, S.; GIROTO, C.R.M (Orgs.). **Inclusão Escolar: as contribuições da Educação Especial.** São Paulo: Cultura Acadêmica, Marília: Fundepe Editora, 2008. p. 166-178.

SILVA, A. M. da. **Buscando componentes da parceria colaborativa na escola entre família de crianças com deficiência e profissionais.** Dissertação de Mestrado – UFSCar: São Carlos, 2007.

STAINBACK, S. e STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Tradução: LOPES, M. F. Editora: Artmed, Porto Alegre, 1999.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.